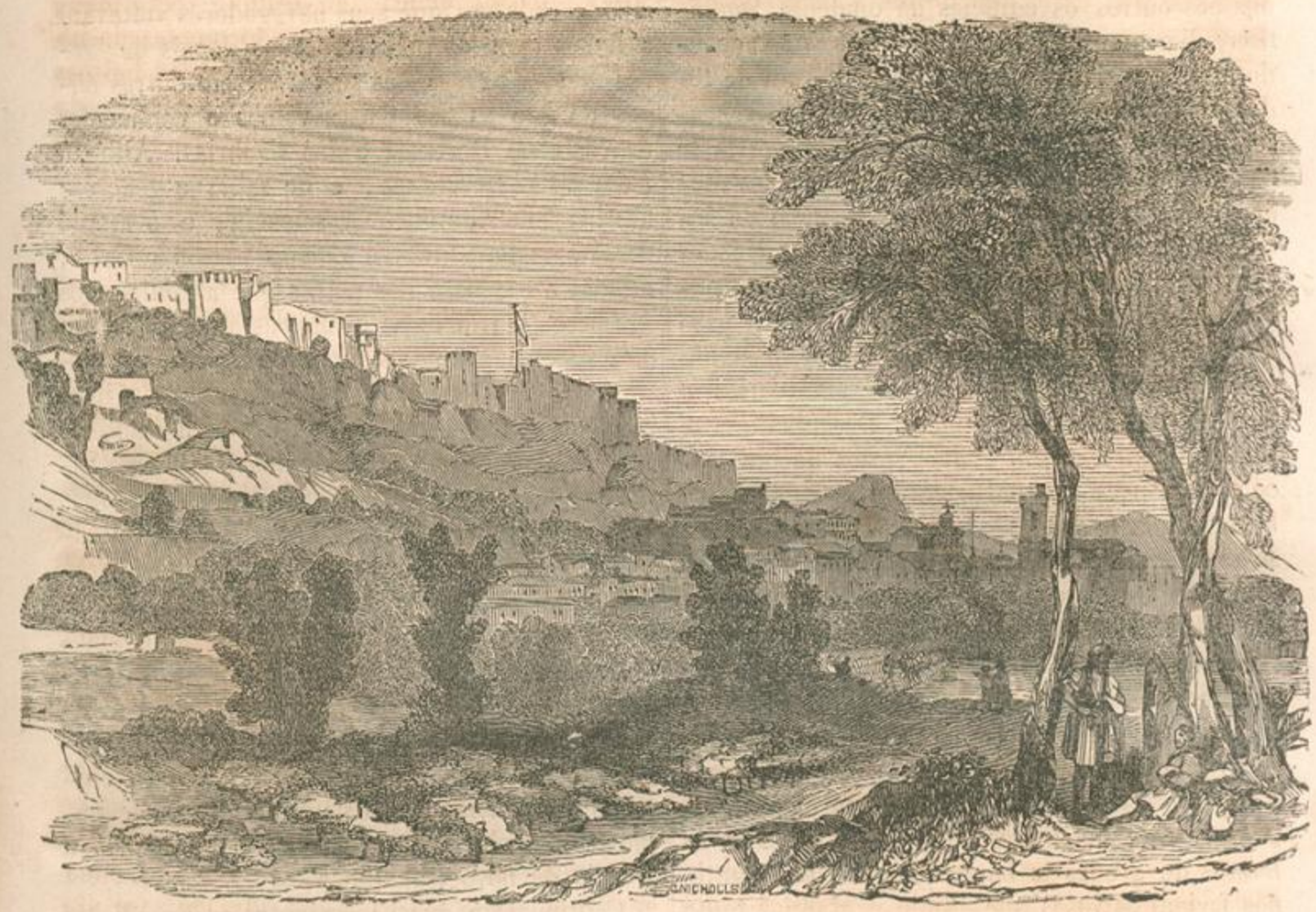


SAGUNTO, HOJE MURVIEDRO.

Sagunto era alliada de Roma, e por consequencia inimiga de Carthago: Annibal, sustentando o poder da sua republica na Hespanha, lançou mão do primeiro pretexto que se lhe offereceu para atacar esta cidade. A fidelidade de Sagunto aos seus alliados, e a heroica resistencia que oppoz a um cêrco apertado, lhe deram nome nas paginas dos historiadores: e porventura menos duradoura seria a sua fama e gloria se o fim, que teve, houvesse sido menos desastrado: assaltada violentamente por espaço de oito mezes, reduzida ao extremo apuro não quiz render-se; os principaes mandaram conduzir á praça publica quanto de melhor e mais rico possuiam, fizeram de tudo uma vasta fogueira, e arrojaram-se ás chammas, onde arderam com as suas riquezas. Nesse momento desabou uma das torres de defensão, e os carthaginezes entraram a cidade para serem testemunhas deste grande sacrificio: os outros habitantes pozeram tambem fogo ás suas casas, onde se tinham encerrado com mulheres e filhos: os vencedores, privados do despojo, arvoraram o pendão do triumpho sobre um montão de cinzas.

Sagunto fôra grande e florecente: Annibal fez levantar alguns dos predios destruidos; os romanos, que depois a recuperaram, concederam-lhe largos privilegios, e particular protecção, enriqueceram-na com monumentos de que ainda hoje subsistem ruinas: porem nunca ella pôde chegar ao esplendor e povoação da antiga. — Saqueada, e destruida segunda vez, pelos barbaros que inundaram a Hespanha ao começar o 5.º seculo, tornou a erguer-se sob o dominio dos godos, mas sempre menor, menos formosa: cobrou então o nome de *Mur vetum* [donde lhe veio o actual de Murviedro] por causa da antiguidade de seus muros, e das amplas serras de ruinas accumuladas por seis seculos (*).

Em tempo dos arabes, Murviedro acompanhou os destinos varios do reino de Valencia, em cujo territorio está encravada, apenas distante quatro leguas da cidade capital, do mesmo nome de Valencia, e assim continuou até repousar na organisação da monarchia hespanhola sob o sceptro dos reis catholicos, Fernando e Isabel. — Hoje é terra de apparencia pouco agradavel, de casaria ordinaria, reduzida á condição de simples villa, postoque alguns lhe chamem cidade; contará quando muito de cinco a seis mil habitantes.

A villa dista do mar obra de uma legua,

(*) Miñano tras a etymologia de *Muri Veteres*, como nós a de Torres-Vedras de *Turres Veteres*.

toda de planicie, pela qual se erguiam contiguos uns aos outros os edificios da opulenta *Saguntum;* diariamente em excavações se estão achando as ruinas, lapidas e medalhas. Porem de todos esses vestigios de grandeza o melhor conservado é o theatro, e ainda melhor estaria se não tivera sido arrazado em parte para as modernas casas de Murviedro, até o meio do seculo passado, que foi quando as auctoridades começaram a vigiar que o não destruissem cabalmente; está no declive de uma collina proxima á povoação, e ainda offerece bastante campo para a investigação dos antiquarios a respeito dos theatros romanos. Descubriram-se tambem junto ao rio alguns restos de um circo; permanece boa parte de um aqueducto que levava agua á cidadella; outros mais vestigios se encontram do dominio do povo-rei; assim como do tempo dos arabes existem uns banhos em soffrivel estado. As ruinas do antigo porto veem-se no cabo chamado Rapita: hoje o desembarcadouro está em frente de Murviedro a 40 braças da borda d'agua; tem bateria com torre para defensão da costa e dos armazens dos particulares. — Nas visinhanças da villa ha pedreiras de marmores de diversas côres, e os bancos de gredas e barros de que os saguntinos faziam os vasos que Plinio e Marcial tanto celebram.

Da influencia de nossas conquistas na India sobre os costumes nacionaes.

Conta Gomes Eannes d'Azurara, na Chronica de Guiné, testemunha contemporanea, que privou com elrei D. Duarte, que viu e tratou de perto o infante D. Henrique, irmão daquelle, e que recolheu de ordem d'Affonso 5.° os documentos officiaes, e teve á mão as obras d'Affonso Cerveira para escrever a sua obra; que nos 12 annos primeiros das tentativas infructiferas que aquelle illustre infante fizera por alcançar a passagem do Cabo Bojador, e descubrir a Guiné, o povo murmurava considerando como phantasias insensatas tantas navegações, perdas, e dispendios, occasionadas por similhante motivo. Não havia ahi argumento, ou rasão tirada da prudencia, da experiencia dos factos, e da auctoridade dos sabios, que não fosse allegada por estes mesquinhos e apoucados detractores para deprimir o mais nobre como o mais vasto e ousado dos projectos: o invio do *mar temeroso*, sempre enfurecido e aparcelado, o inhospito dos areaes, e das feras carniceiras da costa, mais alem os ardores da zona torrida que vedavam toda humana existencia, e em remate o nenhum proveito d'uma descuberta vasia d'interesse, tudo isto era thema de suas amplificações e amargas censuras. Affligia-se o infante cada vez que seus navegadores voltavam a Lagos com as mãos crusadas depois de largos dias de navegações sem trazerem outras novas do que as dos paizes velhos e conhecidos da costa de Berberia e das Canarias. Alfim á força de perseverança, e de sabia e generosa obstinação triumphou a sciencia, e o animo do grande homem. Gil Eannes passou o Cabo, avistou a extensão dos mares que avisinham os Tropicos, e trouxe as primeiras amostras d'um paiz ignoto, *nas rosas de Santa Maria*, e n'outras plantas e productos, jámais vistos. Ainda isto porem não era capaz de *cerrar a rabujenta boca* do vulgar que condemna d'antemão tudo que excede a pequenina esphera de suas concepções interesseiras: mais viagens passaram; mais caravellas abordaram; novos productos chegaram; e nestes já artigos de maior vulto, a' malagueta, o azeite de phoca, o marfim, o ouro... oh! então começaram de mudar d'estylo; então já se torciam, já louvavam, e diziam: = «com effeito, estas expedições do infante dão aos braços um novo emprego, aos homens mais um genero d'occupação util, pois que vemos um bom salario a premio de novo trabalho.» =

Continuaram quasi incessantes as expedições dirigidas pelo grande cosmographo de Sagres; descubriram-se quasi 400 leguas de costa, e as ilhas desde a da Madeira e Açores até Cabo-Verde, e ainda alem de Serra Leôa, até ao anno de 1460 em que falleceu o infante D. Henrique. Seguiram suas pisadas com mais ou menos affinco Affonso 5.° e D. João 2.°: por ordem deste se construiu a fortaleza da Mina, cathequisou-se o rei negro de Congo, fizeram-se estabelecimentos ahi e n'outras paragens de entre os Tropicos, até que Bartholomeu Dias avistou o Cabo de Boa-Esperança. D. João 2.° aprestava grossa armada, havia mesmo apalavrado o pai do Gama para forçar o promontorio, e abrir caminho para a India quando a morte veio temporaã arrebatar o principe perfeito de 42 annos d'idade.

Já então não faltavam incentivos para trilhar o caminho das aventuras maritimas: o assucar, as madeiras preciosas, as pescarias, o marfim, e o ouro já podiam açaimar as ralhações dos portuguezes, dos partidistas do elemento da terra. Pois não foi assim: e quando D. Manuel, successor de seu primo na corôa, enfeodando a tarefa do descubrimento pela recepção da esphera, apromptou decidido a armada de Vasco da Gama, novos borborinhos, novas machinas de censuras, d'exprobações, e de vituperios do vulgo condemnaram a empreza nova. Sá de Miranda, João de Barros, e Ma-

nuel de Faria e Sousa nos conservaram o testemunho desta impressão popular, e elles mesmos, porventura que até certo ponto a desposaram, apesar de seus enthusiasmos patrioticos pela gloria nacional, maiormente os dois ultimos.

O que porem melhor que ninguem confirmou este facto foi o cantor dos Lusiadas, o immortal Camões. Este homem d'extraordinario saber foi tão exacto em tudo o que refere d'acontecimentos historicos, quanto livre e fecundo nas creações poeticas com que soube embelesa-los. Aquella violenta philipica do *velho d'aspecto venerando* que no Canto 4.° do Poema introduziu cubrindo de pragas e abominações os atrevimentos maritimos, ao desaferrar do Tejo a frota do Gama, não é mais nem menos do que o parecer e argumentação do povo, a quem o estranho e aventuroso da empreza fazia presagiar estragos e ruinas sem compensação de proveito, o que setenta annos antes havia já sido o parecer e modo de pensar dos prudentes e desconfiados das expedições do infante D. Henrique. Estes censores de temperamento fleugmatico ou melancolico haviam contado os desastres, as mortes, os naufragios das expedições africanas desde o tempo d'elrei D. Duarte, e os das outras dos descubrimentos da costa occidental d'Africa até os tempos d'elrei D. João 2.°, e parecia-lhes que assás era feito para ganho d'honra e fama. Devia pois naturalmente irrita-los o novo arrojo tentado de penetrar até ao Oriente repetindo novos infortunios, e despezas novas: ═

A que novos desastres determinas
De levar estes reinos, e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas,
Debaixo d'algum nome preheminente?
Que promessas de reinos e de minas
D'ouro que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometerás? Que historias?
Que triumphos, que palmas, que victorias?

João de Barros citado por Manuel de Faria e Sousa no Commentario a este logar de Camões, expressamente diz que o reino em geral abominava tal expedição. E o 2.° escreveu ═ que se não fosse a plantação da religião tudo era perda, porque com as expedições e conquistas se perderam *muitas culturas*, que nos sustentavam, voltando-se a gente para aquelles interesses que pareciam menos custosos, e por fim nos achámos sem elles e sem ellas, e por cima com os *costumes corrompidos*, costumados ao luxo asiatico, alterada a *modestia e parcimonia antigas.* ═ Pelo mesmo caminho e pelo mesmo tom resoou a lyra horaciana de Sá de Miranda quando fez ouvir seus presentimentos e vaticinios: ═

Não me temo de Castella
Onde guerra inda não sôa:
Mas temo-me de Lisboa
Que ao cheiro desta canella
O reino se despovôa.

Ouves, Viriato, o estrago
Que cá vai nos teus costumes?
Os leitos, mesas, e os lumes
Tudo cheira; eu oleos trago,
Vem outros trazem perfumes.

E n'outra parte, ainda mais explicito: —

Destes mimos indianos
Hei grão medo a Portugal,
Que lhe hãode fazer os damnos
Que Capua fez a Anibál.

Aqui vemos consignados os inconvenientes gravissimos das conquistas asiaticas, que sobre a alteração dos costumes corrompidos pelas riquezas do luxo, trouxeram o deperecimento da lavoura, e a diminuição dos braços uteis.

Por quem se despovoe o reino antigo,
S'enfraqueça, e se vá deitando ao longe.
CAM. CANT. 4.° EST. 101.

J. da C. N. C.

ANECDOTAS HISTORICAS.

No tempo da regencia de Catharina de Médicis [chamada por antonomasia a velhaca, *la rusèe*], teve logar em França o célebre colloquio de Poissy entre catholicos e protestantes; pretendendo estes poder demonstrar scientificamente a verdade e legitimidade da *reforma.* Theodoro de Béze, presumido doutor da lei entre os hugonotes, em nome dos outros deputados de sua seita levantou a voz citando n'um estudado e sophistico arrasoado a Escriptura, os padres, os concilios, que elle interpretava a seu modo para justificar sua doutrina. Os cardeaes de Turnon, e de Lorena, que ahi concorreram por parte dos catholicos, facilmente lhe mostraram com muita solidez quanto eram vãos todos os raciocinios levantados sobre intelligencias arbitrarias dos textos, aos quaes se podiam oppôr outros até ao infinito, pois que o sentido da Escriptura e da tradição era susceptivel de receber um grandissimo numero de interpretações diversas. ═ D'aqui, concluiram elles, a necessidade irrecusavel d'um interprete vivo, e constante para fixar e conservar a intelligencia da doutrina, sem o qual a religião não appresentaria senão um abysmo d'eternas contradicções: de modo que não havia meio-termo, ou regeita-la inteiramente, ou reconhecer a auctoridade infallivel que só póde dar-lhe caução e força de lei.

Em 1837 novo colloquio ou conferencia teve logar por igual motivo nos Estados-Unidos da America: e desta vez foi um verdadeiro desafio; porque Campbel, ministro protestante, enviou um cartel a *monseigneur* Purcel, bispo catholico de Cincinati, tendo a arrogancia de o publicar d'antemão como quem estava certo do seu triumpho. Aquelle pois convidava o bispo a um debate publico e solemne, o qual pela força das rasões e dos argumentos decidiria qual das duas era verdadeira, a religião catholica ou a protestante. O prelado acceitou; verificou-se o combate, e o bispo triumphou segundo até a confissão dos jornaes protestantes. De passagem notaremos aqui que estes prelados enviados aos paizes de diversa crença são sempre homens muito escolhidos e muito instruidos, como quem vai apparelhado para combater com inimigos acrimoniosos e orgulhosos, aos quaes se hade responder com fundamentos e rasões scientificas. Nos seminarios francezes, irlandezes, e italianos, d'onde ordinariamente sahem estes missionarios para as missões do ultramar, são mui severos e escrupulosos nas habilitações: alem de forças corporaes para supportar as fadigas, as privações, e as opposições do clima, d'uma dedicação e vontade a toda a prova, devem os missionarios haver mostrado uma instrucção cabal, não só das doutrinas proprias do seu ministerio, mas das linguas orientaes, e das outras para onde se destinam; e uma sufficiente tintura das demais disciplinas, como da medicina, da geographia, e tambem da mechanica, porque muitas vezes são elles proprios os directores e opperarios de suas construcções, mestres, e guias dos outros, como acontece nos desertos, e no meio das tribus selvagens das duas Americas, nas ilhas da Oceania, e noutros paizes não civilisados. Quem se quizer desenganar dos conhecimentos destes novos apostolos ainda nas sciencias profanas percorra com os olhos a collecção dos seus Annaes, e verá que não desdizem do zêlo e capacidade dos seus predecessores, os padres das cartas edificantes. Terminemos porem o relatorio do desafio de Cincinati, que terminou tambem d'um modo que alegrou, e desenfadou o auditorio da sisudeza e severidade do conflicto. Foi o caso, que o bispo Purcel depois de ter forçado seu adversario ao ultimo de seus intrincheiramentos, concluiu contando a anecdota seguinte: ==

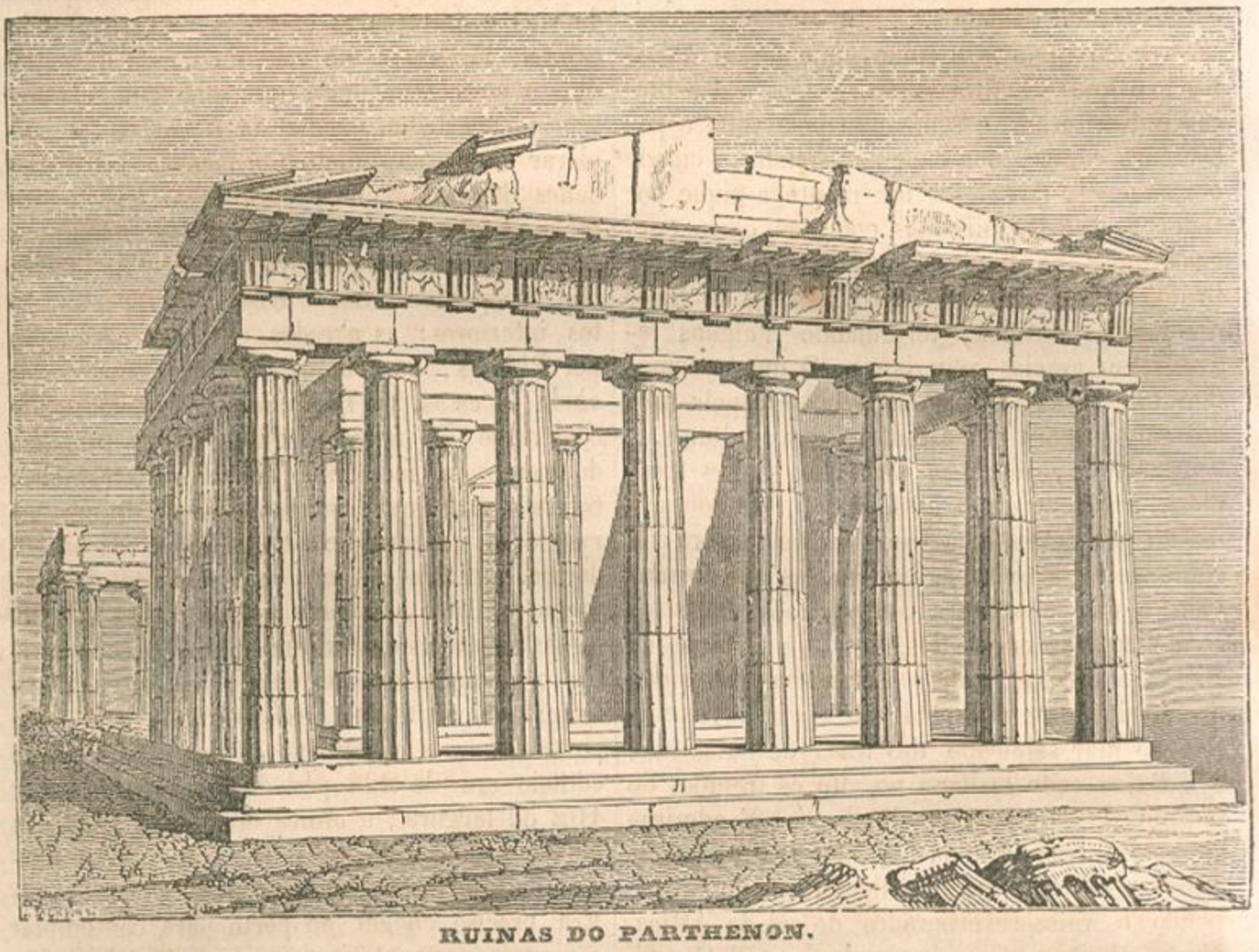
Um sacerdote catholico e outro protestante faziam n'uma tarde o seu passeio juntamente, quando succedeu encontrarem um rabino judeu: ==eis-nos aqui, disse o protestante, tres de differentes religiões; qual de nós terá rasão?== Tomou a palavra immediatamente o rabino, e de prompto respondeu-lhe: ==sou eu, se o Messias ainda não chegou; é o catholico se o Messias já veio; quanto a vós, que viesse ou não viesse estaes sempre em erro. ==

Conta Diogo Barbosa Machado na sua obra *Bibliotheca Lusitana*, fallando de Fr. Lourenço Portel, franciscano de Xabregas, que irritado elrei D. João 4.° com as repulsas do papa em confirmar os bispos portuguezes pela opposição furiosa que fazia na Curia a diplomacia castelhana, rodando inutilmente em volta de Roma o bispo de Lamego negoceador portuguez, teve idéa sugerida por algum cortesão de manga larga de crear um patriarcha no reino para este sagrar os demais eleitos; mas como era principe mui sisudo quiz sempre onvir o parecer do frade xabregano em cujo saber e virtude muito confiava. Ouvindo Fr. Lourenço a proposta exotica do patriarcha, respondeu: == Senhor, eu sempre ouvi que *unus pastor, et unum ovile;* um só maioral e um só rebanho. == E o projecto gorou-se.

Os dois vicios cardeaes dos poetas são a lisonja e a satira; e nenhum igualou o poeta inglez Waller no primeiro; a sua adulação tanto é mais notavel quanto eram contrarios os caracteres dos principes, a quem lisongeava. O absoluto e obstinado Carlos 1.°, o hypocrita e regicida Cromwell, o festivo e libertino Carlos 2.°, o fanatico e obcecado James ou Jacobo 2.°, todos foram por igual assumptos heroicos de louvores excessivos de Waller, e com todos viveu bem porque não peccava por intenção, senão em palavras metricamente collocadas. — Waller não só exaltou até as nuvens o usurpador Cromwel em vida, como até lhe compoz um elogio funebre, considerado como obra prima na poesia ingleza. Pouco depois subiu ao throno o expatriado Carlos 2.°; e o poeta cortesão appresentou-lhe uma composição em verso prodigalisando louvores ao novo monarcha: leu-a o rei, que de genio era jovial, e notou-lhe que os gabos eram inferiores aos que despendêra com o intruso Cromwell. — « Senhor [respondeu agudamente Waller], nós os poetas brilhâmos mais em assumptos de pura ficção. »

Marco Popilio Lenas, quando consul, foi mandado contra os esteliates, habitantes da Liguria: este victorioso e cruel general fez tantos prisioneiros, e por tal fórma exterminou as tropas ligurianas, que os pobres esteliates se renderam á discrição, sem capitular condições, fiados na fama da generosidade romana: Popilio não possuia esta virtude, a avareza era a

sua paixão predominante, pelo que assim que os desarmou, desmantelou-lhes as praças, fê-los escravos e vendeu-lhes os bens em almoeda. Informado o senado romano deste procedimento, não só o reprovou como infame, mas ordenou que o consul restituisse aos esteliates o preço da venda de suas fazendas, e pozesse em liberdade suas pessoas, concluindo o *senatus-consultum* [decreto] com estas memorandas palavras. « A victoria é gloriosa quando tem por fim subjugar um inimigo obstinado; mas é vergonhosa quando se faz uso della para opprimir os que se renderam. » —



RUINAS DO PARTHENON.

O Sr. Affonso de Lamartine em duas passagens do 1.° Tom. dos seus *Souvenirs* &c. nos diz o que foi, o que é o Parthenon da celeberrima Athenas. —

« Emmudece tudo ante a incomparavel impressão que produz o Parthenon, esse templo dos templos construido por Setino, fundado por Pericles, ornamentado por Phidias (1); — typo unico, e exclusivo, do bello nas artes da architectura e da esculptura, — especie de revelação divina da belleza ideal, recebida certo dia pelo povo, artifice por excellencia, e por elle transmittida á posteridade em moles eternas de pedra, e em esculpturas sempre vividouras. Este monumento, como elle era, accrescendo as circumstancias da sua situação, da sua base natural (2), das bancadas em amphitheatro ornadas de estatuas inimitaveis, das formas grandiosas, da mão d'obra completa no todo e nas menores partes, do material, da côr como luz petrificada, — este monumento, dizemos, esmaga ha seculos a admiração sem a saciar. — Vendo-se no estado em que eu o vi, com seus magestosos fragmentos, mutilados pelas bombas venezianas, pela explosão do paiol em tempo de Morosini, pelo camartello de Theodoro, pelas bombardas dos turcos e dos gregos; com os troços immensos de columnas deitadas pelo pavimento, os capiteis derrocados, os triglyphos (3) partidos pelos agentes de lord Elgin, as estatuas arrebatadas por navios inglezes; — ainda assim o que resta é sufficiente para que eu conheça que é o mais perfeito poema escripto em pedra na face da terra: mas tambem conheço que é demasiado pequeno; o effeito que devia causar ou falhou ou destruiu-se. — Passo horas deleitosas deitado á sombra dos propyleus, com os olhos fitos no

(1) O famoso esculptor da estatua de Jupiter Olympico. Vid. 1.ª Serie, pag. 228 vol. 5.°

(2) Na descripção infra se explica esta expressão.

(3) Ornamento do friso da ordem dorica.

frontão aluído do Parthenon;..... O aspecto deste templo manifesta melhor que a historia a colossal grandeza de um povo..... Que civilisação sobrehumana a que achou um varão illustre para ordenar, um architecto para imaginar, um esculptor para aformosear, estatuarios para o lavor, obreiros para o desbaste, um povo para pagar, e olhos para contemplar e admirar tal edificio!.....» —

—«Do meio das ruinas que foram Athenas, e que a artilheria dos gregos e dos turcos pulverisaram e semearam pelo valle e pelas duas collinas por onde se estendia a cidade de Minerva, levanta-se um monte a pique por todos os lados: muralhas enormes o cingem; construidas na base de pedaços de marmore bruto, mais para cima de fragmentos de frisos e columnas antigas, terminando n'alguns logares em ameias venezianas. O monte semelha um pedestal magnifico talhado pela mão dos numes para ahi assentarem seus altares.

Na corôa, nivelada para área desses templos, não tem senão 500 pés (4) de comprimento por duzentos a trezentos de largura: é sobranceiro a todas as eminencias que formavam o solo d'Athenas antiga, aos valles do Pentélico, ao curso do Illisso, á planicie do Pireu, á cadeia de alturas com seus valles que arredondando-se se estende até Corintho, e emfim ao mar salpicado das ilhas de Salamina, e d'Egina onde brilham no alto os frontões do templo de Jupiter Panhellenio. — É admiravel este horisonte ainda hoje que todos aquelles outeiros são despidos e reflectem como bronze polido os raios reverberados do sol da Attica. Mas qual não seria o horisonte que Platão alli teria á vista, quando a seus pés, Athenas, viva e adornada dos seus mil templos inferiores, sussurrava, como o cortiço cheio em demasia: quando a grande muralha do Pireu traçava até ao mar uma avenida de pedra e marmore, onde tudo era movimento e por onde a população da cidade passava e tornava a passar de continuo como as ondas: quando o proprio porto Pireu e o de Phalera, o mar d'Athenas e o golpho de Corintho estavam cobertos de selvas de mastros, e de vellas reluzentes; quando as encostas de todas as serranias, desde as montanhas que escondem Marathonia até a Acropolis de Corintho, amphitheatro de quarenta leguas (5) de semi-circulo, estavam cortadas de mattas, pastagens, olivedos e vinhas, e as aldêas e as cidades guarneciam por toda a parte esse esplendido cinto de montes! —Descubro daqui o milheiro de caminhos, que delles desciam, delincados nas ladeiras do Hymeto em todas as sinuosidades dos passos e dos valles, que vem, como leitos de torrentes, desembocar em Athenas. — Parece-me ouvir os borborinhos que dahi se levantam, as camartelladas dos cabouqueiros nas pedreiras de marmore do monte Pentélico, o rolar dos toros em bruto escorregando pelas beiras dos precipicios, e todos esses rumores que enchem de vida e agitação as entradas de uma grande capital. Figura-se-me ver, da banda da cidade, o povo atheniense que sobe pela *via sagrada*, aberta no declive da Acropolis, a implorar Minerva e queimar o incenso das divindades domesticas no proprio logar onde agora me assento e respiro só a poeira desses templos.

«Reedifiquemos o Parthenon: é isso facil; elle não perdeu senão o friso e os repartimentos interiores: as paredes externas cinzeladas por Phidias, as columnas ou destroços dellas ainda lá estão. O Parthenon era inteiramente construido de marmore branco, dito *pentélico* do nome da montanha donde o extrahiam: consistia n'um quadrilongo, cercado de um perystilo de quarenta e seis columnas da ordem dorica. — Cada columna tem seis pés de diametro na base, e trinta e quatro d'elevação. —As columnas descançam immediatamente sobre o pavimento e não tem base. A cada extremidade do templo existe, ou existia, um portico de seis columnas: a dimensão total do edificio era de 228 pés de comprimento por 102 de largura; a altura era de 70 pés: não apresentava á vista mais que a magestosa simplicidade de suas linhas architectonicas.... — Era preciso chegar ao perto para contemplar a riqueza dos materiaes e a inimitavel perfeição dos ornatos e partes menores.

«Esqueçâmo-nos do passado; e olhemos ao redor de nós agora que os seculos, a guerra das religiões barbaras, povos estupidos, o estão calcando ha dois mil annos. — Á floresta de alvas columnas só faltam algumas que estão cahidas, em toros inteiros e luzentes, pelos pavimentos, e pelos templos visinhos; umas como os altos carvalhos da matta de Fontainebleau estão inclinadas sobre as columnas proximas; outras deslizaram do alto do parapeito que cerca a Acropolis e jazem, em enormes troços estalados, umas por cima das outras, como na pedreira as lascas rejeitadas. — Doura-lhes os lados a codea tostada que os seculos estendem sobre o marmore; as fracturas estão brancas como o marfim lavrado d'hontem: formam desta banda do templo um cháos fluente, de marmore de todas as figuras e de todas as côres, arremeçado, empilhado na mais singular e magestosa desordem: de longe, crer-se-hia que se está vendo a espuma de grossos

(4) O pé francez corresponde a 0,934 do pé portug.
(5) De 25 ao gráu.

vagalhões que vem desfazer-se e branquear-se n'um promontorio batido do mar. Não é possivel tirar dalli a vista; contemplam-se, acompanham-se com os olhos, admiram-se, e tem-se dó com o sentimento que se experimentaria a respeito de individuos que tivessem tido ou conservassem ainda os sentidos vitaes. Tal é o mais sublime effeito de ruinas, d'entre as que os homens tem causado; porque é este o destroço da mais formosa obra que elles tem feito!

Se entrâmos por baixo do peristylo e dos porticos, podemo-nos suppor ainda no momento em que o edificio se concluia; as paredes interiores estão de tal modo illesas, a face dos marmores tão lusidia e polida, as columnas tão direitas, as partes do edificio conservadas acham-se tão admiravelmente intactas, que tudo parece ter acabado de sahir da mão do artifice; com a differença de ser o ceu resplandecente de luz o unico tecto do Parthenon, e de por entre os rasgamentos dos lanços dos muros perder-se a vista no immenso e volumoso horisonte da Attica. Todo o chão em redor está juncado de fragmentos de esculpturas, de trechos d'architectura, que parece esperarem pela mão que os deve collocar no monumento que por elles aguarda. — Tropeça-se a cada passo nos primores do cinzel grego, que se tomam, que logo se rejeitam para tomar outro mais curioso; por fim cança este trabalho inutil: — é tudo uma obra prima pulverisada. Estampam-se as passadas n'uma poeira de marmore; e o remate é vê-la com indifferença; cada um fica insensivel e mudo, abysmado na contemplação daquelle todo e na infinidade de pensamentos que suscita qualquer de seus destroços.

« Estes pensamentos são participantes da natureza da scena onde se concebem; graves como essas ruinas dos tempos passados, como essas testemunhas magestosas do nada da humanidade; porem são serenas como o ceu que está por cima das nossas cabeças, inundados de uma luz harmoniosa e pura, elevados como esse pedestal da Acropolis, que parece librar-se superior á terra, resignados e religiosos como o monumento erecto a um pensamento divino, e que Deus permittiu que desabasse ante elle para ceder o logar a mais divinos pensamentos! — Não sinto aqui tristeza; tenho a alma alliviada, postoque meditativa: o meu pensar abraça a ordem das vontades divinas, dos destinos humanos; admira que fosse dado ao homem subir a tamanha altura nas artes e n'uma civilisação material; comprehende que Deus partíra depois esse molde pasmoso de um pensamento incompleto; que a unidade de Deus, reconhecida emfim por Socrates nestes mesmos logares, retirára o hálito de vida a todas essas religiões que a imaginação dos tempos primevos tinha gerado; que esses templos se desmoronaram em cima das suas deidades: o pensamento de Deus Uno lançado no humano espirito mais vale que essas habitações de marmores, onde mal adorayam a sua sombra... » —

Cultura das amoreiras.

3.°

Feita a escolha das plantas novas, cobrir-se-hão com palha um pouço humida para as conservar, e se passarão para o segundo viveiro ou criadoiro, onde se formarão na parte inferior e na media das regueiras buracos de cinco a seis pollegadas de fundo com uma estaca de duas pollegadas de diametro, e de conveniente comprimento: estes furos devem ser a distancia de oito pollegadas uns dos outros. Tomar-se-hão depois as plantas sem amputar a menor raiz e se disporão destramente uma a uma naquelles furos, pondo a mais estremada cautela em não curvar nem constranger a raiz mestra de cada uma dellas. Ao mesmo tempo se manterá a planta elevada em direcção vertical; consolidando-a por meio de encher o buraco, em que está collocada, com terriço da mesma mistura de que já fallamos por occasião da valla do criadoiro. E assim se fará até completar a plantação. — Da mesma maneira que o viveiro, este plantio requer o ser regado com desvelo e destreza uma ou duas vezes quotidianamente durante dez dias a fio. Não se usará primeiro senão de agua simples para humedecer o terreno, chegar a terra ás raizes do vegetal, consolida-lo, engrossar a superficie do criadoiro, alimentar o organismo das amoreiras novas, e sustentar por estas vias o progresso da vegetação; mas depois continuar-se-ha a rega-las com o liquido empregado para a rega do viveiro (1), fazendo-se as regas desta forma só uma ou duas vezes por semana.

Tanto, ou ainda mais que o viveiro, o pourretier ou segundo criadoiro deve ser livrado dos dentes dos animaes herbivoros, quer tapando-os de matto, quer resguardando-os com gradamentos de pau: tambem deve por-se cuidado em o preservar da saraiva, das chuvas violentas (2), furacões e geadas, cobrindo com esteirões de palha cada planta até a base; nos climas frios se lhes deixarão em cima por todo o inverno, para as proteger e conservar até

(1) Vide o que fica dito a este respeito a pag. 123 deste volume.

(2) Não cremos que tantas precauções, que por nimias cançam, sejam necessarias em o nosso clima! Os agricultores intelligentes decidirão neste, como em outros pontos.

a primavera. Nesta epocha é preciso apromptar terriço, como o que se disse, para entupir o vão de cada rego guarnecido de amoreiras, e igualar assim toda a superficie do criadoiro, a fim de oppor á acção solar durante o verão um obstaculo bastante para economisar o liquido necessario á vegetação.

Visitar-se-ha a miudo este criadoiro, como o viveiro, para arrancar as hervas más e parasitas; para o regar duas vezes por semana nos sitios seccos, e mais ainda durante o verão, sobre tudo em logares muito expostos ao sol: para endireitar a má disposição dos troncos e ramos e cortar os que forem sobejos para a forma e para a nutrição individual, operação que não deve ter logar senão depois da queda natural das folhas. Tambem se hade examinar e destruir a causa da vegetação lenta e fraca de algumas plantas roídas pelas larvas dos insectos; supprimir-se-hão as plantas que derem maus indicios, e ruim vegetação; devem decotar-se os troncos multiplicados, para conservar tão sómente o melhor, no caso que não haja a tenção de fazer arvores copadas que occupam mais terreno; e até se cortará o tronco dos pés de amoreiras, que se acharem mui fracos, obra de tres pollegadas abaixo do nivel da terra, vendo-se que ellas são muito mesquinhas, e isto com o fim de lhe fazer produzir um novo tronco mais vigoroso e solido. Far-se-ha com que não alteem os troncos que tem propensão para subir, cortando-os pouco mais de dois palmos acima da base, pouco mais ou menos conforme a força qne tiverem. Deve dar-se uma sacha leve á terra, quando os dias estiverem serenos, uma vez por mez, sem empregar sachos aguçados ou instrumentos cortantes (3). Espalhar-se-ha pelo terreno assim mexido uma pequena porção de esterco, mais no inverno que no verão; regar-se-ha nesta ultima estação com agua pura, e só durante os grandes calores; mas no inverno com um liquido fecundante, composto de tres quartas partes d'agua, uma de ourina humana, e uma colher sopeira bem cheia de cal, bem batido muitas vezes ao dia: finalmente devem endireitar-se brandamente as arvores que não crescerem em posição vertical. — Com tal regimen as plantas do segundo criadoiro em tres annos se apromptam para passarem ao amoreiral permanente.

Formação do amoreiral.—Pelas rasões apontadas é mais conveniente dispor logo os pés de amoreiras, onde tem de ficar, e se hade fazer a colheita da folha: resumi-las-hemos para maior esclarecimento dos proprietarios: 1.ª no segundo criadoiro tem de permanecer as plantas por muito tempo; poupa-se portanto este trabalho e espera: 2.ª as raizes não soffrem duas extirpações: 3.ª as arvores no amoreiral permanente ficam logo espaçadas como deve ser; e recebem melhor a influencia da atmosphera e do sol: 4.ª emfim, sendo plantadas em mais extensa superficie, melhor vegetam e nutrem as suas raizes respectivas sem obstaculo: então estas podem com mais facilidade ramificar, e desenvolver-se, desempenhar as suas funcções da absorpção, alimentar o pé novo, e vigora-lo de maneira que em pouco tempo se tire proveito delle. É tanto verdade isto que, seguindo este methodo, as amoreiras chegaram a dar folha perfeita ainda antes do sexto anno; e a rasão é porque a sua vegetação descançou por muito tempo, a elaboração organica do vegetal, sobre tudo a absorpção das raizes, não foi interrompida, e a final a influencia continuada do ar e da luz cahindo sobre extensão mais ampla fez mais temporaãs as arvores, fazendo-lhes desenvolver sem esforço a folhagem. Se o agricultor acha mais commodo o *pourretier* ou segundo criadoiro, porque póde em pequeno espaço cuídar de um grande numero de amoreiras, cujo tratamento — vem a ser fastidioso quando n'um campo dilatado; por uma parte achar-se-ha satisfeito vendo o prompto incremento das arvores no amoreiral permanente, e por outra o viço dellas muito prompto e precoce lhe fará esperar em breve optimos productos.

Escolhido e designado o local do plantio, pelo que toca ao clima e exposição, tentar-se-ha o terreno com a sonda, de que fallámos por occasião do segundo criadoiro: descobrindo-se que a natureza das camadas inferiores é composta de materias nocivas, como a greda, a argila gypsosa ou participante de gessos e as terras proprias para olarias, deve abandonar-se; se ao contrario consistir em materias favoraveis, como terras saibrentas, calcareas, de pedrisco, ferruginosas, ou de uma mistura destes elementos, póde estabelecer-se o amoreiral.

Neste ultimo caso determinar-se-ha ao mesmo tempo a extensão e a configuração da superficie que hade occupar a plantação, e em seguida se tratará de regularisar o nivel do terreno para facilitar os trabalhos. Para este fim se hade revolver a terra a profundidade por igual em todos os pontos da superficie; quer com o enxadão ou a pá de cavar, quer com o arado ou charrua em abril. Depois de bem nivelada, destruir-se-hão todos os germens vegetaes e raizes estereis. Segue-se logo estruma-la.

(Continuar-se-ha.)

(3) O melhor seria a pá de jardineiro, cautelosamente maneada.